



**AMÉRICAS /** Corte Federal de Manhattan determina que ex-presidente pague US\$ 5 milhões à ex-jornalista E. Jean Carroll, que o acusava de estupro. Republicano chama veredicto de "vergonha". Advogados anunciam que vão recorrer

# Júri considera Trump culpado de abuso sexual

» RODRIGO CRAVEIRO

Demorou quase três décadas, mas a Justiça considerou Donald Trump culpado por abuso sexual e difamação contra E. Jean Carroll. A ex-jornalista acusou o ex-presidente norte-americano de tê-la violentado em uma loja de departamentos de Nova York, em meados da década de 1990. Os nove jurados da Corte Federal de Manhattan, no entanto, não encontraram evidências suficientes para condenar o republicano pelo crime de estupro. Trump terá que pagar a Carroll US\$ 5 milhões em indenização — US\$ 3 milhões por difamação e US\$ 2 milhões pelo abuso sexual.

O magnata republicano reagiu ao veredicto com revolta e classificou como "vergonha" a decisão do tribunal. "Não tenho absolutamente nenhuma ideia de quem seja esta mulher", escreveu Trump em sua rede Truth Social. "Este veredicto é uma vergonha, a continuação da maior caça às bruxas de todos os tempos", acrescentou.

A defesa anunciou que apelará do veredicto. Trump não compareceu à sala de audiência. O advogado Joe Tacopina considerou a sentença de ontem como "estranha". "Fizemos muitas moções que pensávamos que criariam questões para apelação, e vamos aplicá-las agora. Você sabe, aconteceram coisas neste caso que foram além dos limites", admitiu.

De acordo com a lei de Nova York, o crime de estupro pressupõe uma relação sexual sem o consentimento, enquanto abuso sexual seria um toque nas partes íntimas de outra pessoa para a satisfação do desejo sexual. Até o fechamento desta edição, Carroll não tinha se pronunciado sobre o veredicto. A imprensa norte-americana informou que ela teria sorrido quando o juiz proferiu a decisão.

O julgamento ocorreu 35 dias depois de o ex-inquilino da Casa Branca ter sido indiciado pelo pagamento de suborno à ex-atriz pornô Stormy Daniels, em troca de silêncio por um suposto caso extraconjugal. O ex-presidente tornou-se réu por 34 acusações, que, somadas, seriam penalizadas com 136 anos de prisão. Por Trump ser réu primário e não ter antecedentes criminais, uma pena de restrição de liberdade é considerada improvável.

## "Decisão correta"

Ex-procurador federal para o Distrito Sul de Nova York, Roland Riopelle afirmou ao **Correio** que considerou correta a decisão do tribunal de Manhattan.

Ed Jones/AFP



E. Jean Carroll sorri ao deixar o tribunal, em Nova York, cercada por fotógrafos: colunista também foi alvo de difamação

Saul Loeb/AFP



Donald Trump: "Não tenho absolutamente nenhuma ideia de quem seja esta mulher"

"As evidências apresentadas na imprensa pareciam muito contundentes. Como Trump não compareceu ao julgamento, não me surpreendeu que o júri tenha, rapidamente e por ampla margem, considerado o ex-presidente culpado", comentou. Ele explicou que, por ser um

caso puramente da esfera civil, é pouco provável o surgimento de uma acusação criminal contra o magnata republicano.

Richard L. Hasen, professor de direito da Universidade da Califórnia (Ucla), concorda com Riopelle e acrescenta que Trump parece desafiar as "leis da

gravidade" com os seus apoiadores. "Nada do que ele fizer mudará a percepção que os simpatizantes tenham sobre ele", observou à reportagem.

Para Hasen, o indiciamento criminal pelo pagamento de suborno à ex-atriz pornô Stormy Daniels, e outras acusações que deverão ser apresentadas pelo júri, em breve, provavelmente serão mais significativas, no sentido de moldarem o futuro político de Trump.

Por sua vez, Mitchell Epner, ex-procurador federal para o Distrito de Nova Jersey e advogado da firma Rottenberg Lipman Rich P.C. (em Nova York), destacou que nenhum outro ex-presidente foi considerado culpado por abuso sexual e difamação. "Isso não tem precedentes", comentou.

Historiador político da American University (em Washington), Allan Lichtman entende que, normalmente, uma condenação civil por abuso sexual e difamação representaria o fim da carreira de qualquer político. No entanto, ele vê Donald Trump como um caso à parte, uma exceção. "O ex-presidente sobreviveu a uma gravação na qual ele se gabava de agarrar mulheres por suas partes íntimas. Também resistiu a inúmeras acusações de má conduta sexual", disse ao **Correio**.

## Líder do Equador enfrenta "tribunal"

O futuro do presidente equatoriano, Guillermo Lasso, está nas mãos da Assembleia Nacional do Equador, controlada pela oposição. O Legislativo decidiu abrir um julgamento político do líder direita, na segunda tentativa de destituir o chefe de Estado em um ano. Dos 116 congressistas presentes, 88 votaram a favor de tornar Lasso réu em um processo político pela acusação de suposto peculato em um contrato para o transporte de petróleo.

Os parlamentares não anunciaram a data do julgamento, que encontrou resistência de apenas 23 deputados — outros cinco se abstiveram. Ao fim da sessão, que durou mais de cinco horas, aplausos, vaías e gritos de "fora Lasso" se misturaram no plenário da Assembleia Nacional, que conta com 137 cadeiras. Até o fechamento desta edição, o presidente, que assumiu o cargo em maio de 2021, não tinha se pronunciado.

Professor de ciência política da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso), em Quito, Simón Pachano não descarta que Lasso dissolva a Assembleia Nacional antes mesmo de seu julgamento político. "Isso eliminaria o risco de uma destituição e permitiria ao presidente seguir no governo por tempo indefinido, por meio de decretos de emergência", disse ao **Correio**. "Esse cenário daria certa estabilidade a Lasso e abriria espaço para mudança mais profunda na condução do país." Esta é a segunda vez que a Assembleia Nacional — onde a oposição é maioria, mas está dispersa — tenta remover o impopular governante do cargo. (RC)

Rodrigo Buendia/AFP



Guillermo Lasso: suposto peculato em contrato para transporte de petróleo

## UCRÂNIA

# Putin acusa Ocidente de declarar guerra à Rússia

Para marcar o 78º aniversário da vitória sobre o nazismo, durante a Segunda Guerra Mundial, o presidente da Rússia, Vladimir Putin, comandou um desfile militar esvaziado, na Praça Vermelha (em Moscou), e acusou o Ocidente de pretender destruir o seu país. O chefe do Kremlin também culpou a comunidade internacional pela invasão à Ucrânia, advertiu que o futuro da Rússia depende da ação militar na ex-república soviética e assegurou que "a civilização está, mais uma vez, em um ponto de virada decisivo". "Uma guerra foi desencadeada contra nossa pátria", declarou. O evento, fechado ao público, contou com a participação apenas de oficiais e de veteranos.

Ao se dirigir aos militares, Putin disse: "A segurança do país depende de vocês, hoje, o futuro de nosso povo e de nosso Estado dependem de vocês". A emissora britânica BBC informou que a parada de ontem teve 3.300 militares a menos

do que no ano passado. Em Kiev, o presidente norte-americano, Volodymyr Zelensky, recebeu a visita de Ursula von der Leyen, presidente da Comissão Europeia, e tornou a cobrar a entrada da Ucrânia na União Europeia (UE). Mais cedo, os Estados Unidos anunciaram o envio de mais US\$ 1,2 bilhão (R\$ 5,96 bilhões) para a Ucrânia, com a intenção de aprimorar sua defesa aérea e o poder de fogo da artilharia.

Diretor do Instituto para Relações de Governo (em Kiev), o cientista político Artem Oliinyk disse ao **Correio** que o desfile militar foi um dos mais curtos da história. "Durante o evento, o comandante russo estava claramente receoso da possibilidade de ataques ucranianos contra Moscou. A transmissão na televisão mostrou como Putin se assustou repentinamente com os sons de disparos e como ele foi forçado a realizar uma versão reduzida da parada para diminuir o risco de uso de ações por parte

Gavriil Grigorov/AFP



Putin discursa na Praça Vermelha: "A civilização está em um ponto de virada decisivo"

de aviões não tripulados e redes de inteligência", observou.

Segundo Oliinyk, Putin usou o discurso para acusar fascistas, elites ocidentais e globalistas de desprezarem a segurança da Rússia. "Este é o último grito de Putin para a audiência russa de que a guerra travada contra a Ucrânia não é inútil, e que os sacrifícios russos não têm

sendo em vão. Putin tenta dizer aos russos que o povo está sofrendo não por causa da aventura estúpida em uma nação vizinha, mas porque alguém representa uma ameaça para a Moscou", afirmou.

Ele lembrou que o pronunciamento do presidente russo não foi dirigido a Bruxelas (União Europeia), a Washington ou a Kiev. "Foi voltado para os

cidadãos de seu país, entre os quais aqueles descontentes com as consequências de uma derrota na guerra. O mundo deve continuar a ajudar a Ucrânia, para que consiga liberar seus territórios e infligir um golpe final contra Moscou. Quando isso ocorrer, haverá uma transformação decisiva da Rússia. Suas fronteiras enfrentarão mudanças radicais, e novos países surgirão no mapa político", previu Oliinyk.

Por sua vez, Anton Suslov — especialista da Escola de Análise Política (em Kiev) — não se surpreendeu com o tom desafiador de Putin. Ele explicou que, desde as primeiras derrotas no entorno da capital e nas regiões de Khar'kiv e Kherson, a Rússia começou a usar a retórica de uma "guerra da Otan contra Moscou". "Putin precisava de uma explicação razoável para os reveses no campo de batalha. Isso porque o 'exército mais forte do mundo' não pode ser derrotado pelas tropas da Ucrânia, que, segundo o discurso do Kremlin, 'não existem'", avaliou. De acordo com Suslov, Putin também busca transferir a responsabilidade da guerra para a Otan, os Estados Unidos e o Ocidente. "As autoridades russas continuam a repetir, em diferentes plataformas, que a Rússia defende seus interesses e que não desencadeou a guerra." (RC)